



# ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

## DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

**Universidade de Brasília**

**Outubro 2012**





## **O Mercado da Arte Brasileiro e suas Relações com os Campos Político e Econômico.**

Felipe Bernardes Caldas - UFRGS

**Resumo:** Este trabalho pergunta-se: qual a relevância do apoio governamental para o desenvolvimento do mercado da arte no Brasil? Quais são as vantagens e desvantagens ao apoiar galerias privadas em diversos eventos nacionais e internacionais em função de uma possível divulgação e internacionalização de uma chamada arte brasileira? Este mote leva a uma série de novos questionamentos, como, quais são os limites entre os interesses privados e públicos nestas circunstâncias? O objetivo deste trabalho é debater estas relações através de cruzamentos de dados e a luz das indagações de Pierre Bourdieu.

**Palavras-chave:** Mercado de arte. Campo econômico. Campo político. Arte brasileira.

**Abstract:** This paper ask: what is the relevance of government support for the development of the art market in Brazil? What are the advantages and disadvantages to support private galleries in several national and international events in terms of a possible promotion and internationalization of a Brazilian art called? This theme leads to a series of new questions, like: what are the limits between private and public

interests in these circumstances? The goal of this study is debate these relationships through investigations and light of Pierre Bourdieu.

**Keywords:** Art market. Economic field. Political field. Brazilian art.

Pierre Bourdieu em seus escritos faz uma pergunta cabal para refletirmos sobre as instituições artísticas e o mercado da arte, “quem cria o criador?”. Este questionamento direciona nosso olhar para quem, e o que, está por trás da obra e do artista, neste sentido o mercado da arte, juntamente com o campo político e econômico exerce um importante papel. A partir de BOURDIEU (2008) a “(...) produção de bens culturais são universos de crença que só podem funcionar na medida em que conseguem produzir produtos e a necessidade destes produtos. ” Ao mesmo tempo, gera uma luta entre os crentes e os incrédulos, e a base das discordâncias destes está na oposição entre o “comercial” e o “não comercial”, sendo ele o principio gerador de inúmeros julgamentos dentro do campo artístico. Este artigo tem como pano de fundo está contenda entre os valores comerciais e não comerciais da arte e da cultura.

Versa-se neste texto a partir das seguintes questões: qual a relevância do apoio governamental para o desenvolvimento do mercado da arte no Brasil? Quais são as vantagens e desvantagens ao apoiar galerias privadas em diversos eventos nacionais e internacionais

através da justificativa de uma possível divulgação e internacionalização de uma chamada arte brasileira?

O mercado da arte nos últimos anos vem crescendo em um ritmo galopante ao lado dos bons ventos da economia brasileira. As notícias da ascensão deste mercado são verificáveis através de diversos periódicos que trazem as mais variadas informações sobre o setor no Brasil, ainda através de dados disponibilizados por agências públicas. Estimasse que o mercado nacional de compra e vendas de obras esta movimentando anualmente mais de 200 milhões de reais. Em relatório publicado em conjunto em 2012 (Apex-Brasil) e (ABACT)<sup>1</sup> o mercado de galerias privadas cresceu 44% nos últimos dois anos.

O primeiro ponto para entendermos a relevância do apoio governamental para o desenvolvimento deste mercado atualmente, encontra-se na concepção que um mercado da arte não se restringe a compra e venda de obras, este é apenas um segmento, ou em outros termos, a ponta mais aparente deste mercado. Temos que considerar toda a cadeia produtiva que não se limita a ação das galerias privadas; engloba as diversas relações, desde a formação do artista, a execução do trabalho, o transporte, a divulgação, as instituições, os diversos profissionais que estão envolvidos e assim por diante, considerando as vendas no mercado primário e secundário. Ou seja, vai desde pontos anteriores à porta do ateliê do artista até o prego em uma instituição cultural ou residência de um

---

<sup>1</sup> Associação sem fins lucrativos criada em 2007, atualmente reúne 46 galerias de arte, e visa o intercâmbio cultural e a promoção da profissionalização da arte contemporânea em solo nacional e internacional. É uma associação de galerias comerciais de arte.

colecionador, passando pelo mercado de trabalho, em um ciclo de retroalimentação.

Uma vez compreendido a noção apresentada de “mercado da arte”, devemos considerar os apontamentos de Michel Hoog (1995), no qual, o mercado da arte desenvolve-se historicamente a partir de três circunstâncias reunidas: 1) que o trabalho de arte tenha uma função além do aspecto utilitário; 2) que haja riqueza material suficiente para provocar e estimular a circulação destes bens; 3) que exista um lastro cultural e educacional nesta sociedade. A partir da segunda e terceira circunstâncias apontadas por Hoog é possível inferir sobre os modos de apoio estatal em direção ao mercado da arte. Estes em linhas gerais podem ser divididos em: 1) apoios diretos e 2) apoios indiretos.

## **Apoio Indireto**

De forma indireta devemos considerar a política econômica brasileira da última década que desempenhou um papel primordial para o crescimento econômico de nosso Estado. As estratégias governamentais até o presente momento, mantém o país relativamente estável e em crescimento, mesmo após a crise de 2008 e a atual crise europeia. Ou seja, parafraseando a manchete da entrevista com a Fernanda Feitosa<sup>2</sup> “O mercado da arte surge onde há riqueza.”<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Colecionadora, diretora e criadora da SP-Arte (2005), feira de arte realizada no Parque Ibirapuera, São Paulo.

<sup>3</sup> Reportagem publicada do jornal Estadão, SP, 19/11/2011, disponível em: [www.estadao.com.br/noticias/imprensa](http://www.estadao.com.br/noticias/imprensa), acesso em 15/01/2012.

Ainda devemos ponderar que o Estado brasileiro subsidia a formação de diversos agentes que atuam neste mercado: artistas, historiadores, críticos, e outros através dos inúmeros cursos universitários federais, programas de pós-graduação, bolsas, além de outras iniciativas. Sendo este um ponto fundamental para o desenvolvimento de qualquer mercado.

### **Apoio Direto**

De forma direta encontram-se os programas governamentais voltados para a ampliação deste mercado, como: Projeto Brasil Arte Contemporânea (Apex-Brasil). Aliado as isenções fiscais (ICMS) às galerias de arte durante os eventos (feiras de arte) em território nacional, a concessão de espaços públicos para estas iniciativas, além das mais variadas parcerias entre o setor público e privado. Uma vez que o mercado da arte não se resume a ação das galerias, mas está articulado com as instituições culturais, considero como apoio direto as políticas públicas voltadas para a cultura. Que igualmente exercem um importante papel, no sentido de fomentar diversas atividades, desde projetos individuais de artistas através de múltiplos editais, passando por diversas exposições em diferentes aparelhos estatais e privados, até os grandes eventos, como por exemplo: a Bienal de São Paulo e do Mercosul através principalmente das chamadas “leis de incentivo” e “renúncia fiscal”.

Todos estes pontos contribuem para o desenvolvimento de um mercado da arte em um sentido amplo, mas que

igualmente estão conectados com o setor de compra e venda de obras através de galerias privadas.

## **Tensões Entre o Público e o Privado**

O governo brasileiro através do cenário relatado exerce um importante papel no desenvolvimento deste mercado, podemos constatar que de modo abrangente este é fortemente subsidiado pelo Estado. Neste trabalho não cabe discutirmos os antagonismos entre as políticas culturais brasileiras e uma ideologia neoliberal. Mas é justamente neste ponto que se insere uma tensão: quais seriam os limites entre os interesses públicos e privados nestas circunstâncias? E sob quais justificativas estão apoiadas tais iniciativas? Devido à complexidade deste cenário e as inúmeras questões que despontam, me deterei em pensar no apoio governamental em direção as galerias privadas em eventos, feiras internacionais, mesmo as realizadas em solo nacional.

Estima-se que as feiras SP-Arte (2005) e Artrio (2011) juntas no ano de 2011 movimentaram em torno de 160 milhões de reais em negociação, tornando-se os principais eventos do mercado nacional. Estas feiras contam com apoio governamental através das leis de incentivo, isenção fiscal e parcerias. Ainda, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) montou em 2007 o Projeto Brasil Arte Contemporânea que visa à promoção da arte brasileira no exterior, que a partir de 2011 passou a ser executado pela Associação Brasileira de

Arte Contemporânea (ABACT), que nada mais é que uma associação de galerias comerciais privadas. Em dezembro de 2011 em função deste projeto a (Apex - Brasil) divulgou a participação de 15 galerias nacionais na *Art Basel Miami Beach*, foram elas: A Gentil Carioca, Anita Schwartz, Baró, Casa Triângulo, Fortes Vilaça, Laura Marsiaj, Leme, Luciana Brito, Luisa Strina, Marília Razuk, Mendes Wood, Millan, Nara Roesler, Silvia Cintra e Vermelho. O projeto também foi responsável por promover a participação de duas galerias em eventos simultâneos: a galeria porto alegre Bolsa de Arte que estava na feira *Art Miami*, e o artista Speto, da galeria paulistana Choque Cultural, o qual participou da *Primary Flight*, evento de arte ao ar livre.

A justificativa apresentada pelo Estado esta embasada em dois pontos: 1) o fortalecimento do mercado de arte (compra e venda de obras). 2) a divulgação da arte brasileira em âmbito internacional; e são justamente estes argumentos que sustentam o repasse direto verbas para a associação brasileira de galerias privadas (ABACT) via Apex-Brasil,<sup>4</sup> além dos demais apoios.

Creio que devemos ter em mente que o apoio em direção a galerias privadas em função de uma chamada divulgação da “arte brasileira” em âmbito internacional, vai muito além de interesses artísticos ou mesmo de um mercado da arte.

Em 2008, Gilberto Gil, em artigo publicado, justifica fundos públicos para a participação de artistas brasileiros

---

<sup>4</sup> Consta no Relatório de Gestão Apex-Brasil 2011, no Anexo III, Instrumento de transferências vigentes, O repasse a Associação Brasileira de Arte Contemporânea (ABACT), nos valores pactuados: Global: R\$ 1.940.300,00; contrapartida: 640.300,00; com vigência de: 25/04/2011 a 31/12/2012. Instrumento: 08-08/2011.

na Arco-Madrid<sup>5</sup> de 2008. O convite foi feito pela Fundação Arco, em 2004, e a partir do aceite deste, diversos outros eventos foram organizados em instituições culturais em Madri em ações paralelas a feira.

A presença do Brasil como convidado em destaque no evento celebra a produção visual ao permitir conhecimentos de seus múltiplos valores. Uma tradução cultural para o contexto de Madri daquilo que atualmente é desafio no campo estético brasileiro, mostrando respostas artísticas arejadas que se diferenciam no sistema global. Os curadores, Paulo Sergio Duarte e Moacir dos Anjos, tiveram autonomia para eleger obras e estabelecer parâmetros junto ao MinC, assumindo a responsabilidade de fazer significativo recorte de nossa produção contemporânea. A opção foi inverter o processo seletivo usual em feiras comerciais e estabelecer o foco em artistas, no reconhecimento crítico. Ousaram afirmar o momento vivido no qual o valor cultural abre ao universo econômico possibilidades que ele mesmo não teria condições de impor, criando oportunidades de expansão do mercado. Além da feira, Madri verá em muitas instituições a riqueza da arte que nos afirma como nação contemporânea. (GIL, 2008)<sup>6</sup>

O discurso de Gilberto Gil não se restringe a citação e nos apresenta inúmeras questões e desafios para pensarmos o atual momento histórico-econômico e como a arte participa deste. A arte aparece enquanto ferramenta de produção de riqueza material e imaterial, e como fonte de afirmação de um Estado soberano. Este documento chega muito próximo de algumas intenções e mesmo funções da arte assumidas no segundo império, início da república, na era Vargas e em outros momentos históricos de nossa nação. Ou seja, mesmo que por outras vias, trata-se da afirmação

---

<sup>5</sup> A Arco-Madri é uma feira de arte, porém não exclusivamente, pois trabalha com outros segmentos “criativos”, porém, seu foco são as artes visuais, e a produção contemporânea. Participam desta feira galerias comerciais privadas; é considerada uma das feiras mais importantes do circuito internacional. Realizada em Madri, na Espanha e sua direção está sob a tutela da Fundação Arco.

<sup>6</sup> GIL, Gilberto. *Economia e arte visual contemporânea*. In: *Jornal o Estado de São Paulo*. São Paulo, 11/02/2008.

do Estado brasileiro e da construção de uma imagem de país. Claramente existem muitas diferenças entre estes momentos históricos, e suas intenções e imagens de Brasil, mas possuem o mesmo pano de fundo, com intenções e objetivos diferentes, mas estamos discutindo a construção via Estado de sua imagem externa e mesmo interna que possui um importante papel diplomático e econômico via mercado de arte.

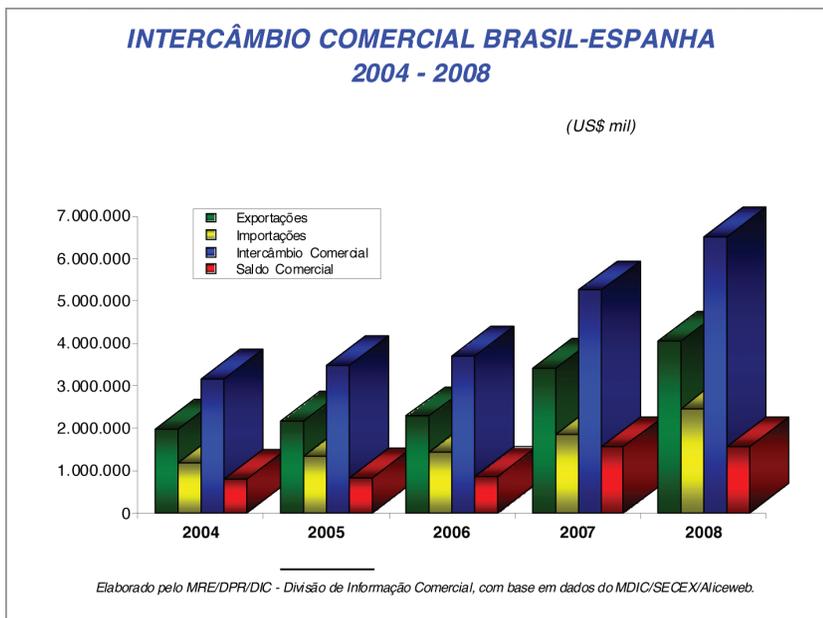
Ainda é importante ressaltar que entre 2004 e 2008 as relações comerciais entre Brasil e Espanha acentuaram-se de modo vertiginoso.<sup>7</sup> Ou seja, a partir do mercado da arte, mas não exclusivamente, a arte desempenha uma função além dos interesses artísticos e culturais. Ela possui uma função econômica, comercial. Que por sua vez está presente em diversas iniciativas, mas que geralmente não são declaradas pelas instâncias públicas e sequer as privadas. Que fique bem claro, que as iniciativas culturais participam do jogo econômico, mas não são, as protagonistas destas relações.

Não podemos esquecer uma situação evidente, as galerias privadas, são empresas privadas, que antes de mais nada, seguem seus próprios interesses, não de um Estado democrático, ou de uma vontade maior com um “bem coletivo”, com o campo artístico e de seus agentes. O “bem coletivo”, é seu próprio bem, de seus poucos colaboradores e de outros interesses que fogem do mundo restrito da arte.

---

<sup>7</sup> Fonte: Ministério das Relações Exteriores - Itamaraty - Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/temas-politicos-e-relacoes-bilaterais/europa/espanha/pdf> acesso em 20/08/2012

O investimento do setor público a galerias privadas favorecem principalmente interesses privados e não públicos. Uma vez que, os mesmos agentes que promovem este setor, estão ligados ao mesmo círculo dominante de nosso país. E é justamente este fator que faz com que tenham força para pressionar o poder público a atender suas reivindicações, que por sua vez, possuem um importante papel nos negócios das inúmeras empresas brasileiras. E são os mesmos agentes deste restrito círculo os maiores beneficiados pela divulgação do Brasil no exterior; e por uma determinada imagem de Estado.



Fonte: Ministério das Relações Exteriores - Itamaraty

## **Algumas Questões Não Respondidas**

Os apontamentos que fiz anteriormente levam a uma série de questionamentos, o primeiro deles: o que é “arte brasileira”? E como estas galerias representam uma chamada arte brasileira? Por outro lado, esta mesma “arte brasileira” possuiria uma especificidade, algo que a identifica frente, ao lado de outros trabalhos, oriundos de outras partes do mundo? Parafraseando Tadeu Chiarelli ela teria um “sotaque”, mas falaria uma linguagem internacional? Imaginamos se ela fosse completamente internacional, não existiria a necessidade do rótulo “arte brasileira”, se não existisse este rótulo por que o Estado brasileiro apoiaria sua divulgação internacional? E como esta cumpriria seu papel de divulgação do Brasil, tanto externamente quanto para uma visão interna de país? Como ergueria seus heróis? Como cumpriria sua função nos negócios internacionais de nosso país e seu papel diplomático? Como venderia uma imagem sofisticada de um país que é capaz de dialogar em uma linguagem a par do velho mundo, e de seus antigos colonizadores?

Quem disse que a arte não tem “função”, além das funções particulares que cada um de nós atribui a ela? Quem disse que o Estado-nação contemporâneo não se interessa pela arte, e não atribui uma função a ela? Quem disse que a chamada arte contemporânea não participa do jogo econômico de cada país? Novamente basta olharmos para quem faz parte dos conselhos das grandes instituições, por exemplo: da Fundação Bienal do Mercosul, Fundação

Bienal de São Paulo, Fundação Iberê Camargo, Instituto Inhotim, entre tantas outras em nosso território e em outros. São os que possuem fortes interesses econômicos, e políticos. Isto me remete a declaração de George Weissman, presidente executivo da Philip Morris: “Sejamos claros sobre uma coisa. Nosso interesse fundamental pelas artes é primeiramente nosso próprio interesse. São os benefícios imediatos e pragmáticos que podem ter um papel nos negócios” (1980).

### **Considerações Finais**

O apoio governamental em direção ao mercado da arte em um sentido amplo é de suma importância para todos os agentes deste e para a população em geral, pois auxilia na acessibilidade a arte e a cultura como um todo. Além de garantir uma maior possibilidade de permanência de atuação no campo da arte para os mais variados atores. A partir das discussões sobre a chamada “economia da cultura” e “economia criativa” a importância econômica da arte para o Estado, cidades e população em geral, passou nos últimos anos a ser considerada pela esfera pública/política brasileira em seus mais variados níveis. No qual o desenvolvimento do que podemos chamar “indústria cultural” passa a adquirir novas facetas em nosso território. Este desenvolvimento traz consigo velhos questionamentos e tensões sobre a arte e a cultura como mercadorias, ou seja, objetos voltados para troca intermediada por dinheiro. E que

inseridas num sistema capitalista como o nosso, visam lucro. Além disto, as tensões entre os interesses públicos e privados e as dimensões “comerciais” e “não comerciais” se evidenciam através das políticas públicas e especificamente as leis de incentivo. Tais leis por sua vez estão aliadas a dependência de “gosto” e “retorno” do setor privado, de apoiar ou não apoiar determinadas iniciativas culturais.

O apoio do Estado à divulgação de uma chamada “arte brasileira” como vimos possui fortes interesses comerciais, diplomáticos e auxiliam na construção de uma determinada imagem de Brasil, ou seja, vai muito além de um empenho cultural ou mesmo de fortalecimento de um mercado de arte em solo nacional. Porém, a justificativa de injeção de fundos públicos diretos a galerias privadas e seus eventos, não pode ser simplesmente justificada pela divulgação de uma “arte brasileira”, e com o objetivo a uma espécie de “bem comum”. Devemos cobrar a explicitação e transparência límpida na utilização destes recursos em direção à arte e seus reais objetivos. Ou seja, tornar público as regras do jogo, para todos poderem saber se gostariam de jogar ou não. Ter claro que este jogo, vem sendo jogado, pelas elites, econômica, política e artística de nosso país. As obras e teorias da arte fazem parte das cartas, e o prêmio dos vencedores visa poder econômico e simbólico, que são as formas elementares de dominação segundo a teoria bourdieusiana. Neste caso estamos por outras vias falando da arte através

das galerias como ferramenta de manutenção de nossas elites.

O que foi compartilhado neste trabalho é uma relação de concorrência e convivência entre os campos e seus agentes, mas não por todos, por um círculo restrito e delimitado que são os responsáveis diretos pela construção de determinadas crenças, e pelo exercício de poderes econômicos, culturais e políticos.

#### Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. *A Produção da Crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: CIA. das Letras, 2010.

BUENO, Maria Lúcia. *Artes Plásticas no século XX: Modernidade e Globalização*. São Paulo: IMESP, 2001.

DURAND, José Carlos. *Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva: Editora da USP, 1989.

GIL, Gilberto. *Economia e arte visual contemporânea*. São Paulo: Jornal o Estado de São Paulo, 11/02/2008.

HAACKE, Hans; BOURDIEU, Pierre. *Livre - Troca: Diálogos entre ciência e arte*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HEILBRUN, James. GRAY, Charles M. *The economics of art and culture*. New York: Cambridge University Press, 2001. 2ª edição.

HOOG, Michel; HOOG, Emmanuel. *O Mercado da Arte*. Porto, Portugal: Rés editora, 1995.

MOULIN, Raymonde. *O Mercado da Arte: Mundialização e novas tecnologias*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

PINHO, Diva Benevides. *A Arte Como Investimento: a dimensão econômica da pintura*. São Paulo, Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SMITH, Adam. *Riqueza das Nações*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

WU, CHIN-TAO. *Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80*. São Paulo: Boitempo, 2006.

#### Sites Acessados

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTO. Disponível em : <<http://www.apexbrasil.com.br/portal/>> Acesso em: 06/02/2012

ART PRICE. Disponível em : < [http://imgpublic.artprice.com/pdf/trends2010\\_en.pdf](http://imgpublic.artprice.com/pdf/trends2010_en.pdf) > Acesso em: 07/02/2012

ARTRIO FAIR. Disponível em : <<http://www.artriofair.com.br> > Acesso em: 06/02/2012

FOLHA UOL. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/974253-feira-de-arte-no-rj-vende-r-120-mi-em-obras.shtml> > acesso em: 06/02/2012.

IBGE. Disponível em : <<http://www.ibge.gov.br/> > Acesso em: 05/02/2012

SP- ARTE. Disponível em : <[http://sp-arte.com/web/inicio/?M&2012-SP\\_](http://sp-arte.com/web/inicio/?M&2012-SP_) > Acesso em : 01/02/2012

THE MODERN & CONTEMPORARY LATIN AMERICAN ART SHOW . Disponível em : <<http://pintaart.com/newyork/index.php> > Acesso em: 8/02/2012.

